



TURISMO E LAZER EM ÁREAS NATURAIS COMO POSSIBILIDADE DE CONSERVAÇÃO DA CULTURA E DA BIODIVERSIDADE

Patrícia de Melo Farias¹; Marcio Viana Saraiva²; Maiara Aline Zanatta³; Beatriz Leite Ferreira Cabral⁴

RESUMO

Populações que residem no interior ou em proximidade a áreas naturais, estão inseridas em uma série de conflitos socioambientais. Desta forma o objetivo do presente estudo é mostrar que a realização de atividades de lazer em Unidades de Conservação e seu entorno, podem vir a colaborar com geração de trabalho e renda para as famílias residentes e contribuir simultaneamente para a preservação da cultura e da biodiversidade local.

PALAVRAS CHAVES: Lazer; Turismo; Unidades de Conservação; Populações tradicionais

ABSTRACT

Populations residing in or in proximity to natural areas, are embedded in a number of environmental conflicts. Thus the objective of this study is to show that the realization of leisure and alternative tourism activities in protected areas and their surroundings, can come to collaborate with generating jobs and income for households and simultaneously contribute

-
- ¹ Bacharel em Gestão Desportiva e do Lazer pela Universidade Federal do Paraná – Litoral e voluntária no Projeto de Extensão “Fortalecimento do Empreendedorismo, da Inovação e Gestão Familiar do Turismo na Baía de Guaratuba” (caibatour@gmail.com)
- ² Graduando do curso de Licenciatura em Linguagem e comunicação da Universidade Federal do Paraná – Litoral e bolsista do Projeto de Extensão “Fortalecimento do Empreendedorismo, da Inovação e Gestão Familiar do Turismo na Baía de Guaratuba” (marciioviana25@gmail.com)
- ³ Graduanda do curso de Gestão em Agroecologia da Universidade Federal do Paraná – Litoral e bolsista do Projeto de Extensão “Fortalecimento do Empreendedorismo, da Inovação e Gestão Familiar do Turismo na Baía de Guaratuba” (maiazanatta89@gmail.com)
- ⁴ Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento UFPR, Docente do curso de Gestão em Turismo da Universidade Federal do Paraná – Litoral e coordenadora do Projeto de Extensão “Fortalecimento do Empreendedorismo, da Inovação e Gestão Familiar do Turismo na Baía de Guaratuba” (beatriz.cabral.ufpr@gmail.com)



to the preservation of culture and the local biodiversity.

KEYWORDS: *Leisure; Tour; Conservation Units; traditional populations*

RESUMEN

Las poblaciones que residen en o en la proximidad de las zonas naturales, están incrustados en una serie de conflictos ambientales. Así, el objetivo de este estudio es mostrar que la realización de actividades de ocio y turismo alternativo en áreas protegidas y su entorno, puede venir a colaborar con la generación de empleo e ingresos para los hogares y al mismo tiempo contribuir a la preservación de la cultura y biodiversidad local.

PALABRAS CLAVE: *Ocio; Tour; Unidades de conservación; poblaciones tradicionales*

INTRODUÇÃO

“Cabaraquara tem então esta característica de agregar e conflitar no mesmo local o tradicional, o moderno e o que está em movimento, não de uma forma tão dicotômica, mas num gradiente de experimentações.” (MELLINGER, 2013, p. 132)

Diretamente ligada as demandas do capital, as atividades de lazer junto a natureza se aliam à necessidade de sair da rotina, de fugir do estresse e da alienação advinda dos processos de automação e controle em que os moradores dos centros urbanos estão submetidos. Tal situação contribui para formas mais significativas de contato com a natureza (MARINHO 2007). Além disso, a ânsia pós-moderna de constante superação de limites pessoais, se soma às de liberdade e aventura, transformando o lazer em um dos fenômenos de maior destaque na atualidade (MARINHO 2007).

O amplo crescimento das citadas atividades está diretamente ligado à dinâmica de transformação ambiental das áreas naturais contempladas, o que vem a gerar inúmeros impactos que culminam em relevantes movimentos migratórios (MELLINGER 2013) e destituição das atividades de trabalho e lazer tradicionais em detrimento daquelas de trabalho e lazer ofertadas por outro grupo social: os visitantes (CABRAL 2015).

Assim, o presente trabalho teve, como ponto de partida, o reconhecimento do potencial da localidade do Cabaraquara (comunidade do entorno do estuário da Baía de



Guaratuba, pertencente ao município de Guaratuba, litoral sul do Paraná) para realização de atividades de turismo e lazer pautadas nos princípios do Turismo de Base Comunitária, possibilitando geração de trabalho e renda para as famílias residentes e contribuindo ao mesmo tempo para a preservação da cultura e da biodiversidade local.

As comunidades da Baía de Guaratuba vêm apresentando relevantes transformações nas taxas de urbanização, estando estas diretamente associadas a fenômenos históricos relativamente recentes, como as imigrações de novos moradores, pertencentes à classe média, com interesse em ganhos relacionados à atividade turística (PIERRE, 2003) e às migrações entre comunidades da Baía.

Conforme explica Mascarenhas (2004), a urbanização está associada ao aumento demográfico, às condições precárias de emprego e renda, à elevação da comercialização do lazer e à atração de novos atores sociais (fruto de movimentos migratórios) que passam a investir na localidade, além de contribuir para mudar a imagem dos destinos turísticos.

Em 2001, através de lei federal, foi criado o Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange (PNSHL) - integrado ao SNUC. O Parque, que faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, é classificado como Unidade de Conservação de Proteção Integral, abrangendo quase toda a região do Cabaraquara.

Os impactos da legislação ambiental, aliados a outras crises nas atividades de pesca, atingiram fortemente as comunidades a partir de 1998, ocasionando a emigração de diversas famílias (MELLINGER 2013), sendo muito comum que os fluxos migratórios aconteçam entre localidades situadas às margens da Baía de Guaratuba, direcionando-se ao centro dos municípios da região (MELLINGER, 2013).

Mellinger (2013, p.65) registra também que houve migrações de pescadores e seus familiares, vinculadas à “dificuldades de acesso a saúde, enlacs matrimoniais e, em um período bem mais recente, às restrições no uso dos recursos naturais pela legislação ambiental”. Em relação ao Cabaraquara, cita Mellinger (2013, p.132) que “Outros tipos de migrantes se juntaram aos primeiros, aqueles realmente “de fora”, de Curitiba, de Brasília, que há 14, 20, 25 anos resolveram deixar a cidade grande em busca de um outro estilo de



vida, junto a um ambiente mais natural e tornaram-se moradores, mas “de fora”. E consigo trouxeram também o seu modo de ser e de viver.”

Frente ao exposto, o artigo objetiva propiciar uma reflexão sobre o lazer em Unidades de Conservação, a partir da apresentação do evento “Trilha do Denilson, Almoço da Vanderleia” uma atividade piloto realizada na comunidade do Cabaraquara, pela equipe do Projeto de Extensão da UFPR Litoral “Fortalecimento do Empreendedorismo, da Inovação e Gestão Familiar do Turismo na Baía de Guaratuba” (doravante: “Turismo na Baía de Guaratuba), realizada com a anuência do órgão gestor do Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange, ICMBio.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A BUSCA DA NATUREZA PELO LAZER TURÍSTICO

No Brasil, nas últimas três décadas, houve relevante crescimento das práticas de lazer em áreas naturais. A pesquisadora Heloísa Bruhns (2002), em suas análises sobre o lazer, traz à luz a discussão sobre a conversão do cidadão em consumidor, considerando duas tendências em relação ao consumo do lazer: a crescente emersão do consumo destas atividades, favorecida pela redução das jornadas de trabalho e maior disponibilidade de alguns recursos; e a massificação do mercado do lazer através de inúmeros equipamentos, desenvolvidos exclusivamente para estas práticas, que são colocados ao alcance dos trabalhadores, gerando novas necessidades e dando origem a um mercado de consumo de massa.

A aproximação com áreas naturais por sua vez, é amplamente alimentada e incentivada por meios de comunicação que frequentemente espetaculizam atividades realizadas nestes locais. De acordo com Fernandes (1998, p. 103) “Alguns meios de comunicação veiculam propagandas e programas voltados exclusivamente ao incentivo e ao consumo de esportes de ação, de aventura e ligados à natureza”. Isto contribui para aumentar a demanda por atividades que possibilitem maior aproximação com ambientes naturais.

Na medida em que os espaços naturais preservados se distanciam das aglomerações urbanas, passam a ser considerados como territórios da experiência (MAFESOLI,1996) e permitem “um reencantamento” com o mundo (BRUNHS, 2002). Além



disso, a vida cotidiana torna-se cada vez menos atraente no imaginário social, frente às sensações, emoções e desejos consumistas proporcionados pelos espetáculos e mensagens publicitárias das mídias audiovisuais, que colocam os praticantes destas modalidades como vencedores, radicais, destemidos, corajosos e ecologicamente corretos, atrelando a prática a um “estilo positivo de vida”. Dessa forma, a natureza passa a ser considerada como mais um objeto do desejo, atraindo público para os mais diversos propósitos: desde promessas para o encontro com o exótico, passando pela experimentação de si mesmo, até o alcance do paraíso ou dos grandes espetáculos da terra (BRUNHS, 1999).

LAZER EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A criação do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação - Lei n° 9.985, de 18 de junho de 2000), aparece como relevante limitador destas ações, tendo como visão predominante minimizar a presença humana nos espaços a serem preservados, pois esta é considerada uma pressão antrópica nociva e geradora de desequilíbrio ambiental.

A criação do SNUC está associada ao avanço dos movimentos ecológicos no século XX (notadamente a partir da década de 50), cuja preocupação central era combater a acelerada depredação do meio ambiente, proteger e preservar a natureza e abrir espaço para práticas do chamado desenvolvimento sustentável. Porém, como veremos a seguir, esta noção de sustentabilidade acontece na contramão das novas resoluções internacionais.

“A partir da década de 1970, quando ocorreu a proliferação da criação dessas áreas, foram intensificadas as discussões sobre conflitos existentes entre populações locais e proteção ambiental. Assim, houve a evolução dos conceitos relacionados a esses espaços, partindo de uma visão – preservacionista no passado, para outra – conservacionista na atualidade, a qual considera a maior integração entre as características naturais e os aspectos socioespaciais (Brito, 2008 em PELLIZZARO *et. al*, 2015, p. 22).”

No cenário internacional, após o ano 2000, tomando como base o Quinto Congresso Mundial de Parques, ocorrido em Durban, em 2003, na África do Sul, muda no cenário internacional, a visão relativa ao impacto antrópico em áreas de preservação, sendo o enfoque



deslocado para a necessidade, tanto de integrar as populações humanas, principalmente as comunidades tradicionais, habitantes das regiões onde são implantadas as áreas de preservação, aos processos de gestão das mesmas, quanto de buscar mais apoio de outras parcelas da sociedade civil. Também passou a se considerar a implantação de medidas que protegessem as culturas e modos de vida tradicionais associados às áreas protegidas. Faz-se necessário enfatizar que estas mudanças já vinham sendo pautadas nos Congressos Mundiais de Parques, ocorrido anteriormente (PELLIZZARO *et al* 2015).

ATIVIDADES DE LAZER EM CONTATO COM A COMUNIDADE

Quando os turistas praticam o lazer em áreas naturais, há de se considerar o efeito que a relação deste produz, não somente sob o contato da natureza, mas também com os residentes que habitam os ambientes visitados.

De acordo com (KRIPPENDORF, 2001; SANTANA, 2009; RODRIGUEZ, 1994), as condutas dos turistas nos atrativos turísticos por eles frequentados, geralmente são precedidas por sensação de liberdade e de que suas atitudes não sofrerão sanções. Barreto (2004), ao fazer uma análise sobre estudos associados à relação entre visitantes e visitados, discorre que, além do turismo ser considerado um fenômeno social, sob a perspectiva dos núcleos receptores ele é um negócio, criado para fins de lazer. As pesquisas analisadas sobre este assunto mostram que

“[...] os habitantes dos lugares turísticos que se beneficiam economicamente com a presença dos turistas não estão precisamente interessados em receber os turistas como hóspedes e realizar com eles trocas culturais, mas em receber o dinheiro trazido por eles” (BARRETO, 2004, p. 147).

Neste cenário, a autora explica que “os turistas, por sua vez, vêm no habitante local apenas um instrumento para seus fins” (SANTANA, 2009). As relações interpessoais entre os visitantes e os habitantes que os recebem, guiam, prestam algum tipo de serviço, ou simplesmente têm com eles contatos incidentais, variam da simpatia à hostilidade, da humildade inconsciente ou dissimulada à arrogância aberta ou “embalada” em uma postura de cortesia (SANTANA, 2009).

A qualidade das interlocuções depende de fatores como: a visão do outro, a visão de si



e do seu grupo de pertença; o contexto econômico e social predominante nos grupos de visitantes; a população visitada e o grau de profissionalismo na prestação de serviços turísticos pelos anfitriões. Contudo, o aumento da quantidade de visitantes em um determinado local é elemento favorecedor do distanciamento entre anfitrião e turista, ocasionando o processo de desumanização na relação entre moradores e “pessoas de fora”, a ponto de os residentes passarem a considerar os visitantes unicamente como um veículo gerador de renda (SANTANA, 2009).

O modelo de turismo alternativo de base comunitária se contrapõe ao turismo massificado e aparece como grande parceiro ambiental. Esta modalidade de turismo está direcionada a baixa impactação, a preservação da natureza e a conservação dos modos de vida tradicionais, devido, em parte, à baixa densidade de infraestrutura e serviços e à valorização e vinculação dos ambientes e culturas de cada lugar (BURSZTYN; BARTHOLO; DELAMARO, 2010).

Esse tipo de turismo é proposto em comunidades que possuem modos de vida específicos, a partir de uma demanda crescente de turistas interessados em peculiaridades culturais e usufruto temporário dos espaços naturais onde estão localizadas as comunidades. No entanto, não se trata apenas de aspectos dos “atrativos turísticos e de lazer” serem diferenciados daqueles visitados no turismo de massa, mas, sobretudo, de um outro modo de hospitalidade e de envolvimento dos visitantes com os residentes da comunidade (BURSZTYN; BARTHOLO; DELAMARO, 2010)

Partilhas, intercâmbios e vivências culturais consistem nas principais motivações associadas às viagens a destinos em que a modalidade turismo sustentável está presente. Neste sentido, “Os turistas querem ser atores, responsáveis e solidários em seus intercâmbios com outros mundos” (ZAOUAL, 2009, p. 58).

Tendo em vista a concepção apresentada sobre o caráter dinâmico da cultura, o turismo, ao mesmo tempo em que se apropria de determinados aspectos culturais para suprir expectativas de determinadas pessoas, também contribui para reconstruir, produzir, valorizar culturas (SANTANA, 2009).



Portanto, para que o turismo em comunidades que residem em ambientes naturais, contribua para estabelecer modelo positivo do desenvolvimento da atividade, faz-se necessário refletir sobre como será a gestão da ação e qual metodologia contemplará a realidade local (tendo em vista que o turismo alternativo possui como premissa o desenvolvimento vinculado às características do ambiente, aos anseios e à participação da população local).

Neste contexto, o turismo e lazer realizados em ambientes naturais, podem ser concebido como atrativos que se distinguem dos ambientes em que turistas estão habituados a frequentar no meio urbano, possibilitando diferentes formas de lazer. Um dos aspectos relevantes do modelo de desenvolvimento da atividade de turismo comunitário está no modo de relação que os frequentadores estabelecem com o atrativo “natural”. No turismo alternativo, a relação com formas mais naturais, distanciadas de processos massificados, possibilita que a “natureza” passe a ser concebida como um local para o aprendizado e para estabelecer novas formas de interação (IRVING, 2002; BRANDON, 1999).

Desta forma, o lazer em Unidades de Conservação (UC's) vem sendo apresentado como uma alternativa de renda para famílias que vivem no interior ou na região de entorno de UC's. Contudo, a falta de informações e a inexistência ou desatualização de instrumentos de ordenamento do uso público, limitam os avanços no ordenamento das atividades, inviabilizando o uso destas para fins recreativos, de turismo ou lazer, de pesquisa e educação.

A Conferência da OMT (Organização Mundial do Turismo), realizada em Manila no ano de 1980, inseriu e impulsionou a perspectiva do turismo alternativo, cujo objetivo principal é promover a melhoria da qualidade de vida das populações (PIRES, 1998). Ao final do século XX e início do século XXI, o Ecoturismo se consolidou no cenário nacional, sendo esta uma proposta de segmento turístico em que o enfoque da sustentabilidade é evidenciado na conservação, interpretação e vivência com a natureza como fator de atratividade (BRASIL, 2010). Porém as ações de turismo de base comunitária propõe uma concepção mais ampla da atividade, contemplando a esfera econômica, ambiental e social, favorecendo de forma mais eficiente os aspectos sociais e contemplando a valorização da diversidade cultural das



populações tradicionais, podendo estar este produto turístico vinculado a outros segmentos do turismo e do lazer. (BARTHOLO, SAN SOLO E BURSZTYN 2010).

Para Swarbrooke (2000), há aspectos gerais que diferenciam o turismo de massa do turismo que visa à sustentabilidade. Para o autor, o turismo não sustentável se caracteriza por desenvolvimento rápido, em curto prazo, descontrolado e sem adequação da escala às características da localidade e, ainda, visando benefícios quantitativos - sendo realizado a partir do controle de agentes externos. A falta de planejamento, os modismos, a despreocupação com a localidade e o desenvolvimento local também caracterizam este tipo de turismo. Em contraposição, o autor concebe que os modelos de desenvolvimento que visam à sustentabilidade, pressupõem a participação da comunidade e a adequação da escala e ritmo com que a atividade se desenvolve; adequação da arquitetura para o turismo às características do núcleo receptor de turistas.

Swarbrooke (2000) considera que os turistas que buscam cada um destes modelos de turismo têm comportamentos distintos entre si. Portanto, a depender do modelo de desenvolvimento turístico proposto, os impactos provenientes do turismo/lazer em áreas naturais ocorrerão de maneira peculiar. Segundo Max-Neef (2008), em (Zamignan 2010) o elemento fundamental para a vitalidade das comunidades é a diversidade. Logo, o turismo/lazer que visa a sustentabilidade, pode ser visto como uma atividade que auxilia na conservação da diversidade dos modos de vida das comunidades e das identidades locais.

CABARAQUARA, ENTRE O PARQUE E A BAÍA DE GUARATUBA

O Cabaraquara está situado na orla da Baía de Guaratuba, separado geograficamente da cidade pela própria baía, pertencendo à zona perimetral da cidade de Matinhos, se encontrando contudo registrado como "Comunidade" no Plano Diretor de Guaratuba (BIGARELLA 1999).

A organização do trabalho na região da baía, caracterizava-se pela ampla participação de diversas pessoas das comunidades. A pesca da tainha com espia, praticada na boca da Baía era bastante comum, bem como a prática dos guajus (mutirões), que era o sistema de



organização comunitária para o trabalho na roça (MELLINGER, 2013).

A baía de Guaratuba, que está inserida em um mosaico de Unidades de Conservação criadas por diferentes estâncias governamentais, tem suas áreas demarcadas por períodos em que diversas UC's foram implementadas ao longo do litoral paranaense, sobretudo a partir dos anos 1980. Um dos principais intuitos, nessa época consistia em regulamentar certas atividades agrícolas e pesqueiras (PIERRI *at al.* 2006).

Com uma abrangente área destinada à preservação, a Baía passou a abarcar diversos tipos de conflitos decorrentes de questões fundiárias e das restrições advindas das legislações ambientais (FERREIRA, 2010), entre pescadores de dentro e de fora da Baía e ainda, entre pescadores e turistas (MELLINGER, 2013). Diversas famílias que obtinham seu sustento a partir da pesca artesanal, da agricultura, extrativismo vegetal e florestal tiveram sua subsistência ameaçada. Como resultado desta conjuntura, passaram a buscar por outras alternativas de renda, entre elas, as atividades de turismo e lazer (FERREIRA, 2010).

O local favorece a realização de atividades náuticas no espelho d'água da Baía, bem como a realização de trilhas no seu entorno, pois está em proximidade a importante remanescente de Mata Atlântica (PNSHL). Nesta região da baía, localiza-se o Iate Clube Caiobá. A localidade também é servida por restaurantes especializados em ostras que são cultivados na própria região (CABRAL 2015).

Ao analisar os dados produzidos por Mellinger (2013) sobre as atividades econômicas praticadas no estuário pelas unidades familiares do entorno da Baía, Cabral (2015) constata, em relação à população residente no Cabaraquara, que parcela significativa da mesma trabalha nos restaurantes locais e no Iate Clube. Ademais, foi possível identificar a existência de famílias que já trabalham com lazer e turismo na região e moradores jovens interessados em atuar como condutores locais de trilhas, bem como famílias que trabalham com gastronomia e artesanato.

No entanto, apesar da náutica e pesca amadora serem atividades de lazer já consolidadas, esse território conta com potencial para outras modalidades de lazer, cujo desenvolvimento ainda é incipiente (CABRAL 2015). Pois, de acordo com pesquisa realizada



por (SCREMIM, 2015), em amostra de 50 entrevistados de diversas regiões do Brasil, constatou-se que, entre dez atividades listadas, a segunda a gerar maior interesse por parte dos entrevistados foi a opção: “Trilhas no Entorno da Baía de Guaratuba” (82% dos entrevistados)

Além dos dados citados por Scremim (2015), é possível constatar na região a demarcação de uma série de caminhos que, outrora, foram utilizados por moradores locais, para obtenção de alimentos e remédios através da caça ou do extrativismo, para a extração de madeira para construção das casas, de canoas ou como forma de acessar outras localidades - ou mesmo para coletar cipós, matéria-prima esta utilizada na confecção de utensílios e artesanato. Estes caminhos também vêm ratificar o grande potencial turístico para a realização de trilhas e atividades afins .

A EXPERIÊNCIA PILOTO: TRILHA DO DENILSON & ALMOÇO DA VANDERLEIA

METODOLOGIA:

Planejamento, pesquisa e discussões em grupo

Viagens a campo para interações com famílias e identificação de atividades e potenciais alavancáveis para o turismo alternativo pretendido

Mapeamento de atrativos por famílias e por comunidade com geração de cadastros, através de visitas às residências e à escola utilizada pelas crianças do Cabaraquara

Divisão da equipe por “eixos”, sendo um deles a família de sítiantes Vanderlea/Denilson

Proposta de atividade de trilha e gastronomia ao casal

Planejamento e divulgação do evento, após confirmado

Realização do evento

Avaliação, verificações e programação de novas atividades e eventos correlatos

PLANEJAMENTO DO EVENTO

Previamente à programação e realização da Trilha, a equipe do Projeto estabeleceu diversos contatos com famílias residentes no Cabaraquara. O objetivo era detectar tanto o interesse como o potencial para exercício de prestação de serviços e/ou venda de produtos



destinados a turistas, que atendessem aos parâmetros de atividade turística estabelecidas com os critérios balizadores do Projeto de Extensão “Turismo na Baía de Guaratuba”.

Dentre os contatos realizados, identificamos o casal Vanderleia e Denilson, que residem no Cabaraquara, em local de rara beleza cênica, onde se pode enxergar a Baía e os morros da região, a vista do local, pode ser considerada uma espécie de "paraíso" no imaginário urbano. A eles pertence a última/única farinheira em funcionamento na região. A terra é de posse e vem sendo ocupada pela família desde a época do avô do Denilson, lavrador como o neto.

O principal plantio era de mandioca, mas, conforme nos contou Denilson, além das restrições impostas pelo órgão gestor da Unidade de Conservação (UC), a terra se encontra "cansada" e a produção de mandioca caiu drasticamente. Confessou que a vida se encontra mais "precária que antigamente" - remetendo tanto ao tamanho quanto à qualidade das plantas cultivadas. O que o fez dedicar parte de seu tempo para o plantio de palmito.

A família em questão, mostrou-se extremamente hospitaleira. Além de bastante dinâmicos e trabalhadores, estavam abertos a propostas de parceria com o projeto. A Sra. Vanderleia é uma cozinheira e confeitadeira bastante hábil. Em uma de nossas atividades de campo que incluía visita a sua residência, tivemos a oportunidade de experimentar coxinha de peixe e sorvete artesanal à base da mandioca colhida na propriedade.

O Sr. Denilson, além de lavrador, também trabalha como pedreiro em Guaratuba (como forma de complementação de renda) e sua esposa Sra Vanderleia realiza serviços de faxina. Apesar do seu apego à terra que é de posse de sua família há pelo menos três gerações, ele demonstra um certo desânimo e até mesmo vontade de ir para outro lugar onde possa trabalhar com "liberdade".

Ao longo das visitas, fatores como os acima citados nos levaram a perceber um potencial crescentemente promissor por parte da família para os serviços e produtos turísticos englobados pelo Projeto. Assim, em conversas com Denilson, comentamos sobre o potencial de atratividade turística do local. Este se prontificou a nos conduzir pela trilha do morro do Cabaraquara, enquanto a Sra. Vanderleia por sua vez, se dispôs a providenciar as refeições



para o grupo.

A partir desse entendimento com a família, iniciaram-se as atividades de planejamento do evento: divulgação (em caráter restrito); providência de formulários (inscrição, ficha de saúde etc.); contatos com os representantes do ICMbio na região e com outras autoridades como o Corpo de Bombeiros.

Mesmo considerando as restrições estabelecidas previamente quanto à divulgação, foi surpreendente a quantidade de pessoas interessadas no evento. Isso nos levou à constatação de uma demanda significativa reprimida, o que contribuiu para fortalecer a nossa percepção sobre o potencial de atrativo turístico da atividade (percurso de trilha conjugado a serviço gastronômico, ambos de caráter local e familiar).

REALIZAÇÃO DO EVENTO

Como já afirmado, este seria um “evento piloto” ou "evento teste", que teria diversas utilidades, como: verificar a viabilidade da trilha; avaliar a satisfação dos visitantes; ter acesso à análise do ICMbio local; e registrar aspectos para aperfeiçoamento em caso de futuros eventos similares.

A realização da vivência piloto mostrou-se extremamente relevante para o projeto. Conforme dados obtidos com o preenchimento das fichas de inscrição, o grupo de visitantes era diversificado, não só em termos de gênero, cultura e formação: a pessoa mais nova era uma criança de 08 anos e a de idade mais avançada possuía 55 anos; sete pessoas praticavam atividades físicas regularmente e outras 2 não praticavam esporte ou ginástica. As demais, exercitavam-se esporadicamente. Entretanto, experiências com trilhas, para a grande maioria, era bastante rara.

A heterogeneidade do grupo foi importante para compreender o efeito desta atividade sobre diferentes tipos de público. No entanto, o grupo foi unânime em dizer que a atividade, por mais desafiadora que tenha sido, foi extremamente recompensadora. Vale ressaltar que, apesar de a ânsia por parte do grupo em divulgar sua aventura através de registros fotográficos, houve o cuidado de solicitar que não publicizassem as fotos, pois além da trilha



ainda não estar formalmente liberada e em condições adequadas para percursos turísticos regulares, poderia atrair pessoas que talvez se comportassem de forma prejudicial à preservação do ambiente natural e à comunidade local.

O PERCURSO DA TRILHA

Ao longo do evento, pudemos observar alguns pontos a serem enfatizados, como o fato da necessidade de dois condutores na realização da trilha que apresenta certo grau de dificuldade, facilitando a condução e colaborando com o bom andamento do trabalho de condução, permitindo apoio direto a maior número de pessoas. Em serviços deste tipo, quase sempre nos deparamos com grupos ecléticos, onde os participantes apresentam diferenças no preparo físico e na velocidade ou habilidade para percorrer este tipo de solo.

Outro ponto que se mostrou bastante relevante foi a necessidade de realizarmos aperfeiçoamento nas técnicas de condução e interpretação dos elementos visualizados durante o trajeto. Neste tipo de serviço, ao iniciá-lo, faz-se necessário identificar e informar o local onde o passeio está sendo realizado: no caso, estávamos adentrando em área de proteção integral, o Parque Nacional Saint- Hilaire/Lange. É importante, ainda, haver certos cuidados como se evitar possíveis impacto negativos que possam vir a ser gerado pelo grupo (como por exemplo, jogar ao longo da trilha sementes de frutas consumidas durante o trajeto).

De acordo com várias conversas que aconteceram durante o percurso, ficou claro que o condutor Denilson era grande conhecedor de vários elementos da localidade. Porém, temos que levar em conta o fato de que este se encontrava sob enorme pressão: afinal, havia professores da universidade federal e dois representantes do ICMbio. Mesmo assim, ele demonstra ser um indivíduo que procura agir com bastante consciência.

No trajeto, mostrou um ponto na mata que já havia sido utilizado por seu avô para plantar mandioca. No alto, quando se descortinou a baía aos olhos dos trilheiros, ele foi “desfilando” uma série de nomes de elementos da paisagem que víamos: ali é o Mar do Cabaraquara (ou Rio Alegre), as "Cruz", o Rio Capinzal (ou Rio Fundo). A entrada é o Cerco Grande (e continuou) o Rio do Ariri, o Rio Parati, o Mar do Fincão, o Rio das Ostras, o Mar



Alto. O Morro ao lado do Cabaraquara é o Taguá; aquela ilhazinha se chama Ilha do Rato (onde se encontra cobras, tatus, lagartos e uma fonte de água doce bem no meio dela). Ele contou que já havia passado pela ilha quando trabalhara no "Projeto Baía Limpa".

Porém temos que ressaltar, que, de acordo com a fala de participantes, algumas "curiosidades" não foram satisfeitas, pois havia diversas riquezas do ambiente natural a serem mostradas, como cipoais que remetem ao artesanato de cipó. Também se falou da importância do Denilson falar um pouco mais sobre a cultura do palmito em sua terra. Vê-se desta forma quão importante é que uma trilha como essa seja feita num contexto informativo, dando maior destaque a questões ligadas a biodiversidade. É importante também que se chame a atenção dos visitantes para outros aspectos da natureza local, principalmente as plantas mais visíveis e mais destacadas na trilha e os animais que se ouça, ou cuja toca se veja.

Estes comentários tornaram-se itens importantes para o planejamento do curso para condutores de trilha terrestre e barco a remo ("Anfitriões da Baía de Guaratuba" - em andamento), uma ação do Projeto "Turismo na Baía de Guaratuba", visando maior capacitação para os que tivessem interesse em trabalhar com atividades desta natureza. Denilson, por exemplo, comentou, durante a trilha que conhecia "em torno de trinta por cento das plantas da região", o que já representa um conhecimento enorme. Mas o curso poderia possibilitar o acesso a conhecimentos complementares e abordagens que, em interlocuções com os visitantes o deixaria mais à vontade para descrever e interpretar o que se visualiza no trajeto.

Quanto ao almoço, que ficou a cargo de Vanderlea, podemos afirmar (com base nos registros de avaliação do evento) que 16 dentre 17 membros do grupo, consideram excelente. Posteriormente, houve a degustação da sobremesa, hora que realizamos a nossa "prosa com sorvete": momento de troca de experiências que envolve todos os participantes, o que inclui: turistas, organizadores, família receptora e ainda, naquele dia, representantes do órgão gestor. Todos se acomodaram de forma circular e cada um pôde falar o que aquela atividade significou para si. Obtivemos vários relatos, dentre os quais é relevante destacar o de Larissa Lopes Mellinger, Bióloga, Doutora em Sociologia Rural e pesquisadora sobre a região da



Baía de Guaratuba, que considerou aquela data (17 de abril de 2016) um “dia histórico”, em que o evento aproximou gestores do Parque, servidores e estudantes da UFPR, em uma atividade comum com “visitantes reais”; pessoas que se motivaram a participar de um dia naquele local, não apenas pelo contato com a natureza mas também, por saberem que seriam recebidos aos moldes de um sistema de “hospitalidade doméstica”.

As declarações na “prosa com sorvete” nos fizeram perceber o quanto aquele evento fora intenso para os participantes, não só sob o aspecto da emoção, gerada pela aventura da trilha e pelo deslumbramento gerado pela mata atlântica, mas também pelas interações humanas. O contato com um ambiente totalmente diferente do local onde a maioria das pessoas moravam, a sensação de segurança proporcionada por ter à frente do grupo uma pessoa que cresceu e vive na região (além de ser extremamente consciente em suas palavras e ações), e a abertura dos participantes do grupo para um encontro mais significativo com “o outro” (a despeito do período bastante curto do evento) foram aspectos que, provavelmente, fomentaram a satisfação relatada por cada um deles.

É relevante ressaltar também como importou para o evento a presença do representante do Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange, Rodrigo Filipak Torres (que além de atuar como analista ambiental e Chefe Substituto na unidade do ICMbio – Instituto Chico Mendes de Biodiversidade - de Matinhos, é biólogo de formação). Isso se deveu não só ao fato de estar monitorando aquele evento teste, mas pelos seus conhecimentos científicos e sua postura ambientalista.

Um outro ponto de destaque foram as interlocuções entre ele e Denilson. Na subida da trilha, apesar das poucas e breves paradas, elas caracterizavam-se pela troca de saberes ambientais. Durante a “prosa”, principalmente na abordagem de questões passadas, adquiriram o tom da franqueza aberta mas respeitosa de parte a parte (onde a gravidade de Rodrigo às vezes contrastava com a sutileza do humor do condutor).

Ambos, contudo, demonstraram, uma posição consensual: era necessário superar o distanciamento e impasses gerados historicamente entre o órgão ambiental e a comunidade, a partir da instalação do Parque e buscar mais diálogo, com maior boa vontade de parte a parte.



Pela troca de saberes e ora pelo bom humor, mas ambos apontando para a importância do diálogo entre moradores e gestores ambientais.

Ao final da conversa, comentamos que pretendíamos que aquela ação não fosse uma atividade fim por si só – isto é, apenas um produto do turismo alternativo que buscávamos – mas sim, que auxiliasse na busca de novos diálogos entre moradores e órgãos ambientais, diálogo este que, por sua vez, ensejasse reflexões críticas e soluções alternativas para os conflitos históricos e impasses do presente. Mas seria ingenuidade supor que bastariam eventos turísticos como aquele para impulsionasse a abertura desses novos rumos. São necessárias diferentes e mais flexíveis formas de relação, de conduta, de olhar e de vivenciar aquele ambiente. É importante que seja mantido o respeito entre pessoas e instituições. As relações precisam buscar maior horizontalidade (a despeito do rigor das leis implantadas na região, devido à presença do parque). Ademais, é preciso reconhecer os diferentes “gestores do território”, cada qual com seu conhecimento, sua expectativa e sua forma de relacionar-se com o meio, buscando onde possível a gestão compartilhada.

CONCLUSÃO

O estudo realizado traz à tona a necessidade de refletir sobre as formas como as atividades de turismo e lazer vem sendo realizadas em áreas naturais e como o lazer pós-moderno, voltado à reaproximação com a natureza, pode impactar as áreas visitadas. Nos faz ainda compreender que novos olhares sobre o tema são necessários, não só para a preservação da biodiversidade, através da gestão compartilhada entre as UC's e a população, mas também para preservação e valorização da diversidade cultural e saberes tradicionais, além do resgate de outras tradições (esquecidas ou enfraquecidas pela hegemonia de novos discursos religiosos, ou pela alienação causada pelo modelo capitalista – focado no consumismo, no individualismo e na competição).

Processos de gestão compartilhada provavelmente facilitarão a superação do constante desafio que é garantir a preservação da área protegida, proporcionando também geração de renda que poderia beneficiar as comunidades moradoras de entorno e a própria



UC, através de ações como o emprego de prestadores de serviço locais para atividades de condução de visitantes, monitoramento da área e até mesmo, parte da gestão administrativo financeira, o que pode ainda minorar as deficiências de pessoal e recursos do Parque.

O dinamismo do turismo e lazer influencia na ocupação do uso do solo e dos espaços sociais e ainda no fluxo migratório. Além disso, repercute no modo como atividades econômicas tradicionais são praticadas e na forma de habitação dos moradores das áreas exploradas por estes fenômenos.

Exemplos dessa influência são as construções de marinas e de segundas residências, que favorecem a urbanização turística. Esta, por sua vez contribui para; a ressignificação do espaço, ao substituir atividades econômicas tradicionais pelas de turismo e lazer e para a especulação imobiliária - decorrente da valorização fundiária - através da privatização do espaço público. Outra consequência é a degradação ambiental, decorrente tanto da apropriação de parcelas do mangue ou das restingas por instalações, algumas vezes construídas em áreas proibidas.

Desta forma nos arriscamos a afirmar que o turismo alternativo, no caso baseado na intersecção entre família e comunidade pode vir a ser forte possibilidade de contribuição para a concepção de um novo olhar do indivíduo residente no entorno da Baía de Guaratuba, para si, para o ambiente e para os outros (no caso os representantes dos órgãos ambientais e outros órgãos públicos, os visitantes e pesquisadores e outros atores – numa relação biunívoca, calcada no respeito mútuo). Além disso pode contribuir para o fortalecimento de processos de emponderamento dos moradores, de valorização da sua identidade (incluindo a ancestralidade) e de uma percepção mais crítica e contextualizada da realidade que muitas vezes o arrasta à deriva, sem que ele perceba exatamente porque.

FONTES DE REFERÊNCIA:

ALVES, Rafael G.& REZENDE, José L.& BORGES, Luís A.& FONTES, Marco A. LUÍS, Antonio C.& ALVES, Luis W. **Análise da Gestão das unidades de conservação do sistema estadual de áreas protegidas de Minas Gerais.** Espaço & Geografia, Vol.13, No 1 (2010),



1:35 ISSN: 1516-9375

APRIMAVI. **Gestão Participativa em Unidades de Conservação - Uma experiência na Mata Atlântica.** DISPONÍVEL EM: <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/sultane.pdf>. 1ª Edição Rio do Sul (SC), 2012

BARTHOLO, R.; SANZOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COOPE/UFRJ/Ministério do Turismo: Rio de Janeiro, 2010.

BRUHNS, HT. **Lazer e Meio Ambiente: a Natureza Como Espaço da Experiência.**

Por: Heloísa Turini Bruhns.. Revista Conexões v.3, 1999.

_____. Lazer e Ciências Sociais. São Paulo: Chronos, 2002.

BAUDRILLARD, J. **Da sedução.** 2 ed. Campinas: Papirus, 1992. em Revista Conexões, v.3, 1999 1 MESA REDONDA: LAZER & MEIO AMBIENTE: A NATUREZA COMO ESPAÇO DA

EXPERIÊNCIA Heloisa Turini Bruhns, Faculdade de Educação Física/UNICAMP

CABRAL B. F. L. **Entre marés: pesca artesanal e náutica na Baía de Guaratuba.** Trabalho de conclusão de curso (dissertação em Meio Ambiente e Desenvolvimento) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

BIGARELLA, J. J. **Matinho... homem e terra – reminiscências.** 2 ed. Matinhos/ PR: Prefeitura Municipal de Matinhos/Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza, 1999.

FERNANDES, R.C. **Esportes Radicais: referências para um estudo acadêmico.** Conexões: educação, esporte e lazer. Campinas, SP: v. 1, n. 1, p. 96-105, 1998.

INSTRUÇÃO NORMATIVA ICMBIO Nº 09, DE 05 DE DEZEMBRO DE 2014

Disciplina as diretrizes, normas e procedimentos para formação, implementação e modificação na composição de Conselhos Gestores de Unidades de Conservação Federais

LEI No 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000 (Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências).



MARINHO, A. **Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura.**

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

MARINHO, A. **Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza.** Revista Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 181-206, maio/agosto de 2008.

MELLINGER, L. L. **Processos decisórios na gestão dos bens naturais comuns: participação democrática, hibridismos e invisibilidades.** 201 p. Tese (Doutorado em Sociologia Rural) -Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MUSSI, Sultane M. **O processo de Gestão Participativa e Educação Ambiental em conselhos de Unidades de Conservação: O caso do Parque Nacional da Serra dos Órgãos – Teresópolis – Rio de Janeiro.** DISPONÍVEL EM: <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/sultane.pdf>. Abril de 2007

PELLIZZARO P. C. , HARDT L. P. , HARDT A. C. , HARDT M., SEHLI D. A. **Gestão e manejo de áreas naturais protegidas: contexto internacional.** Ambiente & Sociedade, São Paulo v. XVIII, n. 1 n p. 21-40 n jan.-mar. 2015

PIRES, P. S. (1998). **A dimensão conceitual do ecoturismo.** Turismo – Visão e ação.VI(1),75-91.

<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1392/1095> (Acesso em 07/07/2016).

QUEIROZ, Helder L.& PERALTA, Nelissa. **Reserva de Desenvolvimento Sustentável: Manejo Integrado dos Recursos Naturais e Gestão Participativa.** PETRÓPOLIS - 2006.

SCREMIM, Silva de Freitas. Trilhas –uma volta ao ambiente natural. APA –Guaratuba.

Universidade Federal do Paraná. 2015. Disponível em:

<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42125/Silvia%20de%20Fre%20Scremin>.

Acesso em: 06/05/2016.

SITE INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E FLORES (ICNF). **Áreas Protegidas na Europa: os próximos 50 anos.** DISPONÍVEL EM

<http://www.icnf.pt/portal/icnf/noticias/globalnews/areas-protegidas-na-europa-os-proximos-50-anos>. Acesso em 05/07/2016



VALLEJO, Luiz R. **Uso público em áreas protegidas: atores, impactos, diretrizes de planejamento e gestão.** DISPONÍVEL EM: Anais – Uso Público em Unidades de Conservação, n. 1, v. 1, 2013 Niterói – RJ [http:// www.uff.br/usopublico](http://www.uff.br/usopublico)

ZAMIGNAN, GABRIELA & SAMPAIO, Carlos A. C. **Turismo de Base Comunitária como perspectiva para a preservação da biodiversidade e de modos de vidas de comunidades tradicionais.** V Encontro Nacional da Anppas 4 a 7 de outubro de 2010 Florianópolis - SC – Brasil DISPONÍVEL EM: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT1-142-147-20100809214216.pdf>. Acesso em 04/05/2016